

**INCLUSÃO E APRENDIZAGEM: ENSINO DE INGLÊS PARA PESSOAS SURDAS****INCLUSION AND LEARNING: TEACHING ENGLISH TO DEAF PEOPLE**

Márcia Aparecida Silva

Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

[marciasilva@ueg.br](mailto:marciasilva@ueg.br)

<https://lattes.cnpq.br/3385379139707203>

<https://orcid.org/0000-0002-6504-2127>

Jeissy Ellen Barbosa Cardoso

Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Goiás – UnU Iporá.

[jeissyellen@outlook.com](mailto:jeissyellen@outlook.com)

<http://lattes.cnpq.br/4332124166586520>

<https://orcid.org/0009-0006-0096-4477>

---

**Resumo:** No ensino de língua inglesa para Surdos, é necessário que o professor utilize diferentes metodologias de ensino, bem como respeite a cultura e a singularidade linguística do aluno Surdo. Desse modo, com este artigo, objetivamos investigar a experiência de ensinar língua inglesa para alunos Surdos em contexto *online* em um curso no Centro de Idiomas da Universidade Estadual de Goiás. Além disso, objetivamos refletir sobre a formação pré-serviço, visto que uma das autoras é surda e futura professora de língua inglesa. A pesquisa se baseia nos estudos de Inclusão (Coura, 2016), Letramento Crítico (Mattos; Valério, 2010; Duboc; Ferraz, 2011) e Multiletramentos (Santos; Sobrinho, 2015) além dos trabalhos concernentes à Identidade e Cultura Surda (Perlin, 2005; Strobel, 2008; Xavier, 2014). Para atingir esse objetivo, oferecemos um curso, na modalidade *online*, de língua inglesa para Surdos. Em seguida, realizamos uma entrevista semiestruturada com os alunos participantes. Os resultados evidenciam a importância das metodologias diversificadas no processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras para Surdos, além de destacar a necessidade de o professor respeitar o modo como os Surdos aprendem.

**Palavras-chave:** Surdos. Língua Inglesa. Ensino on-line.

**Abstract:** Teaching English to Deaf students requires using diverse methodologies while respecting their unique culture and linguistic identity. Therefore, in this article, we aim to investigate the experience of teaching English to Deaf students in an online course at the Language Center at the State University of Goiás. Additionally, we aim to reflect on pre-service teacher training, as one of the authors is Deaf and preparing to become a language teacher. This research is based on studies about Inclusion (Coura, 2016), Critical literacy (Mattos; Valério, 2010; Duboc; Ferraz, 2011), Multiliteracy (Santos; Sobrinho, 2015), and Identity and Deaf culture (Perlin, 2005; Strobel, 2008; Xavier, 2014). To achieve these goals, we offered an online English course for Deaf participants, followed by a semi-structured interview with the students. The results highlighted the importance of diverse methodologies in teaching a foreign

### **Building the way**

language to Deaf students and the need for teachers to respect their unique learning processes.

**Keywords:** English language; Deaf people; Online teaching.

---

### **Considerações iniciais**

O inglês permeia diversos campos do conhecimento, sendo considerado a língua da globalização, da educação, da ciência, dos negócios, da política e do ambiente virtual, entre outros, conforme Pinto e Silva (2017). Atualmente, compreendemos que aprender uma língua estrangeira é algo cada vez mais necessário e que o profissional se torna mais qualificado profissionalmente ao dominar a língua inglesa; além disso, possibilita conhecer outras culturas, costumes dos falantes nativos, dentre outros; por isso, formar professores que irão divulgar e ensinar o idioma é relevante e necessário na contemporaneidade.

Passamos recentemente por um momento de pandemia, no qual o distanciamento social se fez necessário, desse modo, as escolas foram orientadas a trabalhar de forma remota com os alunos, isto é, à distância. Os professores e alunos, sobretudo os Surdos<sup>1</sup>, enfrentaram grandes desafios nesse modelo de educação, principalmente no processo de ensino remoto para os alunos Surdos, pois estes se sentiram desmotivados e sem ritmo por não terem o campo visual e, também, pelo surgimento do distanciamento de contato entre professor e aluno.

Segundo o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Brasil, 2010), estima-se em 9,7 milhões o número de pessoas com perda auditiva de acordo com o levantamento de 2010. Um milhão entre eles são crianças e adolescentes de até 19 anos. Dessa forma, poder aprender e praticar uma língua estrangeira se torna muito importante para essas pessoas, assim como para qualquer outra, uma vez que elas um dia entrarão (ou já entraram) no rol de pessoas economicamente ativas, e, por isso, também precisarão se destacar fazendo cursos relevantes para seus currículos.

---

<sup>1</sup> O termo Surdo com letra inicial maiúscula representa “o empoderamento, [...] e respeito e reconhecimento da identidade vivenciada pelos sujeitos Surdos, seus valores linguísticos e sociais, e de todo o processo histórico e cultural que os envolve” (Castro Júnior, 2015, p. 11).

### Building the way

No que se refere ao ensino da língua inglesa para Surdos, é importante refletir sobre como esse processo ocorre, pois, de modo geral, podemos perceber que o ensino é muitas vezes excludente para os sujeitos Surdos devido a vários fatores, como, por exemplo, à má preparação de materiais didáticos. Segundo Mantoan e Prieto (2006, p. 58), “há muitos professores dos sistemas de ensino com pouca familiaridade teórica e prática sobre o assunto”, por isso defendemos a importância da formação continuada, a fim de que estejam preparados para receber os alunos e melhorar a prática da educação para que todos tenham acesso ao conhecimento da Língua Inglesa.

De acordo com Lacerda, Santos e Caetano (2014), a maioria dos intérpretes de Libras não tem formação específica. Assim, uma vez que não há conhecimentos específicos para cada área de atuação, por exemplo, quando o intérprete não tem conhecimento da área de língua inglesa, o aluno fica prejudicado. Dessa forma, “o ILS - (intérprete de Língua de Sinais) pode desconhecer um ou outro tema abordado em sala de aula, o que prejudicaria não apenas seu desempenho profissional, mas o desempenho acadêmico do aluno também” (Lacerda; Santos; Caetano, 2014, p. 197).

Na contemporaneidade, pouco se fala e se pesquisa sobre o ensino de língua inglesa para Surdos em contexto *on-line*. Após o levantamento bibliográfico feito para a constituição deste trabalho, é relevante citar autores como Xavier (2014), Coura (2016) e Tavares e Oliveira (2014). Xavier (2014) aborda em seu artigo o pensamento crítico dos educandos, refletindo por si mesmo o mundo em que vivemos, bem como investigando quais são os propósitos do curso de língua inglesa na modalidade *on-line*.

Coura (2016), em sua pesquisa, aborda a contribuição do letramento crítico, além da escrita e da leitura, pois assim o aluno pode desenvolver o pensamento crítico, e investigar formas de se ensinar inglês para Surdos. As autoras Tavares e Oliveira (2014) também desenvolveram pesquisas sobre os desafios enfrentados pelos professores, intérpretes e alunos no ensino de inglês na escola regular com o objetivo de preparar aulas mais criativas com o uso da tecnologia.

De acordo com o Decreto Federal nº 5.626 (2005), no seu art. 2º, o Surdo “compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais manifestando

v. 14, n. 2

### **Building the way**

sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras” (Brasil, 2005, p. 1). Na formação do profissional de língua estrangeira, mais precisamente com o idioma inglês, o docente acaba não recebendo as orientações inclusivas e didáticas necessárias para trabalhar as diretrizes da língua inglesa. O ensino da língua inglesa é um dos desafios enfrentados na educação de Surdos, sendo necessário que os professores criem estratégias metodológicas para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de forma eficaz.

211

Diante dessas fragilidades, quando uma das autoras deste trabalho começou a estudar na Universidade Estadual de Goiás, no curso de licenciatura em Letras Português-Inglês como aluna Surda, surgiu a idealização deste trabalho. Os maiores desafios foram (e são) as disciplinas de língua inglesa. A principal barreira é estar inserida em um contexto em que o ensino da língua inglesa é direcionado ao aluno ouvinte, uma vez que as aulas são elaboradas para desenvolver a habilidade de comunicação oral. Isso se tornou um desafio para a aluna Surda, como também para os professores que buscavam metodologias para incluí-la nesse cenário ouvintista.

Diante disso, surgiu o interesse em investigar tal problemática a partir da experiência que a aluna Surda teve em um dos cursos de Letras – Inglês/Português na Universidade de Goiás. Há relatos de ex-alunos do curso de que os Surdos já formados não desenvolveram o conhecimento da língua inglesa, pois no começo os professores não estavam preparados para recebê-los.

Nessa medida, diante do interesse da aluna Surda pela língua inglesa, surgiu a monitoria no Centro de Idiomas no curso de Língua Inglesa para pessoas Surdas na modalidade *online*. O Centro de Idiomas é um curso gratuito oferecido pela Universidade Estadual de Goiás – Campus Oeste, que fornece vários cursos como Libras, Inglês com música, entre outros. O curso de língua inglesa para Surdos foi ofertado de forma *online* devido à pandemia e, por isso, foi preciso que as aulas fossem virtuais; assim sendo, tivemos oportunidade de conhecer alunos Surdos de diversos estados.

Esse contato originou a motivação da pesquisa para refletir sobre o ensino e investigar a experiência de ministrar língua inglesa para alunos Surdos em contexto *online*. Durante a formação no curso de Letras, a aluna Surda, uma das autoras deste

### **Building the way**

trabalho, sentiu a necessidade de refletir e adaptar métodos de ensino para alunos Surdos. Seu interesse nas habilidades da língua inglesa foi enfatizar a leitura e a escrita, podendo criar e buscar alternativas metodológicas sobre o ensino de Inglês nas aulas remotas. Do mesmo modo, houve o desejo em compartilhar com outros professores, surdos ou ouvintes, o conhecimento construído durante todas as aulas do Centro de Idiomas.

Sendo assim, os objetivos desta pesquisa são investigar a experiência de ensinar língua inglesa para alunos Surdos em contexto *online* em um curso no Centro de Idiomas e, também, refletir sobre a formação pré-serviço, visto que uma das autoras é surda e futura professora de língua inglesa.

Passamos, neste momento, para a descrição da metodologia utilizada.

### **Metodologia da pesquisa**

Este trabalho se configura como uma investigação qualitativa. De acordo com Marconi e Lakatos (2011, p. 269) a pesquisa qualitativa “preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano”. Sendo assim, este estudo objetiva investigar a experiência de ensinar a língua inglesa para alunos Surdos em contexto *online*, bem como refletir sobre a formação pré-serviço.

A pesquisa está vinculada às atividades propostas pelo Centro de Idiomas da Universidade Estadual de Goiás; o curso analisado foi “língua inglesa básico para Surdos”, sendo realizado de forma *online*, com atividades síncronas<sup>2</sup> e assíncronas<sup>3</sup>, por meio das plataformas *Zoom*, *WhatsApp* e *Classroom*.

O curso foi realizado entre os meses de abril e setembro de 2021. As aulas aconteciam às quartas-feiras, nos horários das 14:00 às 16:00. Tendo uma das autoras como monitora/professora Surda, e como público-alvo tivemos alunos Surdos de vários estados do Brasil. Dessa forma, a turma era composta por 9 alunos, com a

---

<sup>2</sup> Capelato (2020, p. 1) relata sobre aulas síncronas; para ele é o que “mantém a mesma estrutura de horários e a dedicação de todos os professores e profissionais acadêmicos das instituições para a adaptação dos conteúdos dos cursos presenciais para esse formato de ensino online e ao vivo”.

<sup>3</sup> De acordo com Medeiros (2015, p. 49) “Quando a comunicação acontece sem que haja coincidência temporal, em que emitente e destinatário não estão se comunicando simultaneamente em tempo real, temos a comunicação assíncrona.”

### Building the way

escolaridade entre graduação, especialização e mestrado, na faixa etária de 20 a 35 anos.

**Quadro** – Tabela dos participantes

Participante	Sexo	Escolaridade	Estado de origem
Participante 1	F	Ensino superior	Santa Catarina
Participante 2	F	Ensino superior	Goiás
Participante 3	F	Mestra	São Paulo
Participante 4	F	Pós-graduação	Goiás
Participante 5	F	Ensino superior	Goiás
Participante 6	F	Ensino superior	Goiás
Participante 7	M	Mestre	Brasília
Participante 8	F	Ensino superior	Bahia
Participante 9	F	Ensino médio	Goiás

**Fonte:** arquivo pessoal das autoras

As aulas foram desenvolvidas enfatizando principalmente as habilidades de leitura e escrita em língua inglesa. Os surdos compartilham uma língua visuo-espacial, ou seja, são plenamente imagéticos, segundo Quadros (2006) e, por isso, seu campo visual deve ser explorado por meio do uso de recursos como, imagens, fotos, vídeos, softwares educacionais e outros. Desta forma, essa escolha possibilita que o Surdo consiga compreender o contexto ao associar a imagem da palavra escrita à imagem do objeto/palavra em questão.

Cada aula teve duração de 2 horas, sendo uma hora e meia de aula, e 30 minutos para esclarecer as dúvidas. Além disso, as metodologias de ensino utilizadas foram: aulas práticas de interação no *chat*, com o uso da Língua Brasileira de Sinais, tradução de escrita em inglês para português e vice-versa, uso de imagens com vocabulário em inglês, jogos *online*, *slides* com imagens e letras coloridas e as atividades semanais no *classroom*. Para uma melhor interação entre os alunos e envio de materiais foi criado um grupo no *WhatsApp* com os estudantes e a professora.

Para a coleta de dados aplicamos uma entrevista semi-estruturada de forma *online*, elaborada no formulário *Google*, e respondida pelos alunos no fim do curso. O objetivo foi compreender se as metodologias utilizadas durante as aulas estavam de acordo com suas particularidades linguísticas. O formulário foi enviado no grupo do *WhatsApp*. Segundo Cervo e Bervian (2002, p. 48), “[o] questionário é a

### **Building the way**

forma mais usada para coletar dados, pois possibilita medir melhor a exatidão do que se deseja”.

Passamos, agora, a explorar a teoria que embasa nossos estudos.

### **Sobre a educação inclusiva**

Conforme Coura (2016), os professores, de modo geral, utilizam as mesmas metodologias para ensinar, seja o aluno surdo ou ouvinte, não há, dessa forma, uma educação de fato inclusiva no ensino regular na maioria das escolas. Assim, as estratégias de ensino são voltadas para os ouvintes, o que gera grandes lacunas no processo de aprendizagem dos estudantes Surdos e excluindo-os.

Consideramos que as metodologias de ensino precisam respeitar o Surdo em sua cultura, relacionando o conteúdo à sua forma de aprender. Conforme Perlin (2005, p. 35):

A metodologia intercultural propõe a questão do outro, como ele é na sua identidade cultural e compreende sua cultura como um sistema a partir da perspectiva de espaços destruídos, bem como o espaço a ser construído como jeito de pensar, de ser e de viver. Propõe o respeito às diferentes identidades, aceitando-as, não as anulando. Trabalha com o surdo como o outro, trabalha com identidades constituídas.

Neste sentido, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, em seu artigo 26, institui “que toda a pessoa tem direito à educação”, ou seja, independentemente de a pessoa ser Surda ou ouvinte deve ter acesso a todas as informações no ambiente escolar. Além disso, a Constituição Federal (Brasil, 1988) propõe avanços significativos para a inclusão escolar de pessoas com deficiências, garantindo o direito à igualdade.

Na Declaração de Salamanca (Brasil, 1994) afirma-se que toda a pessoa com deficiência tem o direito à educação como qualquer cidadão, com ou sem condição física. Além disso, a educação inclusiva é essencial para todos os seres humanos, para que possam se relacionar com qualquer tipo de deficiência, aprendendo e respeitando as suas particularidades. Portanto, concordamos com Fermiano (2019) quando afirma que o ensino regular deveria manter um currículo

### **Building the way**

flexibilizado para que o processo de ensino aconteça de forma efetiva e, assim, todos terão garantidos uma educação de qualidade.

Entretanto, notamos que as escolas não estão preparadas, na maioria das vezes, para atender as diversidades culturais, principalmente as identidades culturais dos sujeitos Surdos (Strobel, 2008). Poucos profissionais têm conhecimento na língua de sinais para trabalhar com os estudantes Surdos, ou seja, a maioria dos docentes não têm formação nesta área, não estando preparados para atender as especificidades dos educandos Surdos.

Nesse sentido, concordamos com Strobel (2008, p.127), quando afirma que “são raros os professores habilitados para trabalhar com os alunos surdos em sala de aula”. A educação inclusiva no ensino regular utiliza a língua portuguesa como meio de instrução, o que pode gerar problemas na aprendizagem dos alunos. Quadros (2006, p. 156) afirma que “[...] o grande entrave do processo inclusivo dos surdos na educação reflete a incompatibilidade entre as propostas governamentais e os anseios dos surdos”.

Por essa razão, compreendemos ser indispensável a presença do professor Surdo ou o professor proficiente na língua de sinais, visto que contribui com o ensino de qualidade que incentiva o uso da língua de sinais livre para se expressar. Conforme o Decreto 5.626 (2005), as pessoas Surdas têm prioridade em ministrar as disciplinas de Libras, bem como o ensino de língua inglesa para pessoas surdas. Se não houver um profissional Surdo, que haja um intérprete formado na área.

Quadros (2006) argumenta ainda que os profissionais no ensino regular, mesmo o intérprete de língua de sinais, não estão conseguindo diminuir as barreiras de comunicação entre pessoas surdas e ouvintes. As metodologias não são suficientes para que o processo de ensino/aprendizado aconteça, e ainda são ignorados aspectos culturais e sociais que pertencem ao processo educacional como um todo. Em razão desse fato, muitas vezes, o aluno Surdo acaba sendo excluído, mesmo estando dentro da escola.

Os Surdos enfrentam desafios e sofrimentos no processo de inclusão no ambiente escolar, principalmente pelas diferenças linguísticas e pelo isolamento na sala de aula. Visto que a língua é relevante no processo de formação identitária do sujeito Surdo e ouvinte, podemos afirmar que a língua de sinais é essencial para o

### **Building the way**

próprio desenvolvimento intelectual das pessoas Surdas e da sua capacidade de aprender. Nesse sentido, o Surdo consegue aprender assim como uma pessoa ouvinte, porém o que difere é a língua e a cultura. Santos (2016, p. 6) salienta que os Surdos aprendem a Língua Portuguesa na modalidade escrita, pois eles estão capacitados a desenvolver a sua escrita desde que tenha o profissional com habilidade no processo de ensino e aprendizagem.

Conforme Lopes e Simplício (2017, p. 48) destacam:

O surdo aprende a nomear e unir o sinal ao objeto, produzindo suas primeiras “palavras”. Assim como a criança ouvinte não pronuncia corretamente as palavras nesta fase, as crianças surdas também fazem os sinais com erros nos parâmetros, alterando a configuração das mãos, o ponto de articulação ou o movimento, mas o adulto surdo, assim como o ouvinte, compreende o que está sendo falado.

Nessa linha de pensamento, concordamos com Witkoski (2012) quando o autor argumenta que, no ambiente escolar, quando os docentes utilizam a oralidade em sala de aula, os Surdos ficam automaticamente excluídos durante as aulas. O autor afirma que isso acontece mesmo havendo intérprete de língua de sinais para interpretar e traduzir da língua portuguesa para a Libras o conteúdo desenvolvido pelo professor.

O aluno Surdo no ensino regular apresenta uma invisibilidade, dado que o ensino é voltado para os ouvintes, as metodologias de ensino são próprias para os ouvintes (Witkoski, 2012). Dessa forma, percebe-se a importância do professor Surdo no ambiente escolar respeitando a língua de sinais e, assim, utilizando diferentes tipos de metodologias para que de fato haja a aprendizagem desses alunos.

Nessa linha de pensamento, concordamos com Mantoan (2003), quando afirmar que incluir tem como objetivo melhorar as condições de acesso ao ambiente escolar, de modo a desenvolver pessoas preparadas para viver a vida na sua plenitude, livremente, sem preconceitos, sem barreiras.

Passamos, a partir de agora, a discorrer sobre o processo de ensinar a língua inglesa para pessoas surdas.

### **Ensino de língua inglesa para alunos surdos**

### Building the way

Os sujeitos Surdos que moram no Brasil utilizam a Libras (L1) como primeira língua, e a Língua Portuguesa (L2) como segunda língua, na modalidade escrita, conforme esclarece Quadros (1997). No entanto, a língua portuguesa é ensinada na escola de ensino regular aos sujeitos Surdos de forma excludente, utilizando as mesmas metodologias dos alunos ouvintes, de acordo com Quadros e Schmiedt (2006), conforme já explicitado. Dessa forma, no ensino de uma língua estrangeira também podem ser encontrados desafios. Neste estudo, a língua estrangeira a ser ensinada é a língua inglesa (L3), que será aprendida pelos alunos surdos como uma terceira língua, enfatizando as habilidades de escrita e leitura.

Sobre o processo de se ensinar a língua inglesa, concordamos com Soares (2009, p. 18) quando a pesquisadora enfatiza que “o Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever”. Além do conceito proposto por Soares (2009), defendemos também a pedagogia de Paulo Freire em sua teoria crítica, a qual contribui para o conceito de letramento crítico, mas com vertentes diferentes; o letramento crítico busca letrar discentes e docentes para a problematização de questões sociais (Duboc; Ferraz, 2011) e assim utilizar a escrita e a leitura em contextos educacionais.

De acordo com Mattos e Valério (2010, p. 139), no “letramento crítico, ele aprende língua (materna e / ou estrangeira) para transformar a si mesmo e a sociedade, se assim lhe convier”. Assim, pode-se depreender que o letramento crítico busca letrar alunos e professores com o intuito de problematizar questões sociais. Neste sentido, podemos afirmar que o letramento crítico contribui para a formação do aluno Surdo, da mesma forma que pode colaborar com o conhecimento de uma língua seja ela qual for, materna e/ou estrangeira.

Além disso, quando lançamos um olhar para o ensino da língua inglesa como língua estrangeira para alunos Surdos, precisamos levar em consideração diversos recursos visuais, tais como o uso da língua de sinais para a comunicação com o Surdo, tecnologias específicas ao ensino na modalidade à distância e metodologias que respeitem a cultura e a identidade Surda (Xavier, 2014).

Os professores devem estar sempre em busca de novas práticas docentes para que propiciem uma melhor aprendizagem aos alunos. Dessa forma, a pedagogia do multiletramento é o trabalho que envolve a diversidade cultural e a linguagem na

### **Building the way**

escola, seja em seu aspecto linguístico, visual, gestual e outros (Santos e Sobrinho, 2015). Além disso, o multiletramento e o letramento crítico apresentam o uso de novas tecnologias. Xavier (2014, p. 39) aborda que o ensino de língua inglesa para Surdos, além de trabalhar a escrita, deve:

levar em consideração que muitos sites e mídias visuais de textos em American Sign Language, por exemplo, vêm acompanhados de legenda. Esta, no caso do surdo, será o texto a ser usado como objeto de estudo enquanto ele pode comparar as informações visuais da própria língua de sinais, que lhe vai oferecer as pistas para entendimento do contexto.

Dessa forma, Fernandes (2007) aborda que é possível que a pessoa Surda domine a leitura e a escrita com autonomia, mesmo sem prática oral e auditiva, bem como sem precisar escutar o som de cada letra. O avanço de acesso ao sistema de escrita percorrido pelos estudantes Surdos ocorrerá pelo campo visual, no qual os sentidos assimilados do texto passarão pela língua de sinais, que é a primeira língua do surdo.

Dessa forma, o ensino da língua inglesa deveria ser realizado por um professor Surdo que apresente um amplo conhecimento na L1, ou por um professor experiente no que se refere a ensinar pessoas Surdas, para que o aluno possa de fato adquirir conhecimento na língua desejada de forma inclusiva, o que pode ser comprovado a partir da pesquisa de Oliveira-Silva (2017).

Xavier (2014) defende que a aprendizagem em língua inglesa possibilita o desenvolvimento de outras habilidades, seja no uso da linguagem tecnológica, seja acessar um *site*, utilizar *e-mail* e outros. Trabalhar com a pedagogia do multiletramento, nesse sentido, é significativo para o ensino e aprendizagem do estudante Surdo, pois envolve o uso de imagens, cores e as diferentes tecnologias.

Passamos, neste momento, às análises da pesquisa.

### **Análises**

As histórias em quadrinhos são um gênero textual que enfatiza as habilidades de leitura e escrita, é uma ferramenta artística, criativa e lúdica, além disso, é um gênero de ênfase visual, segundo Mirais (2009). Quando falamos na

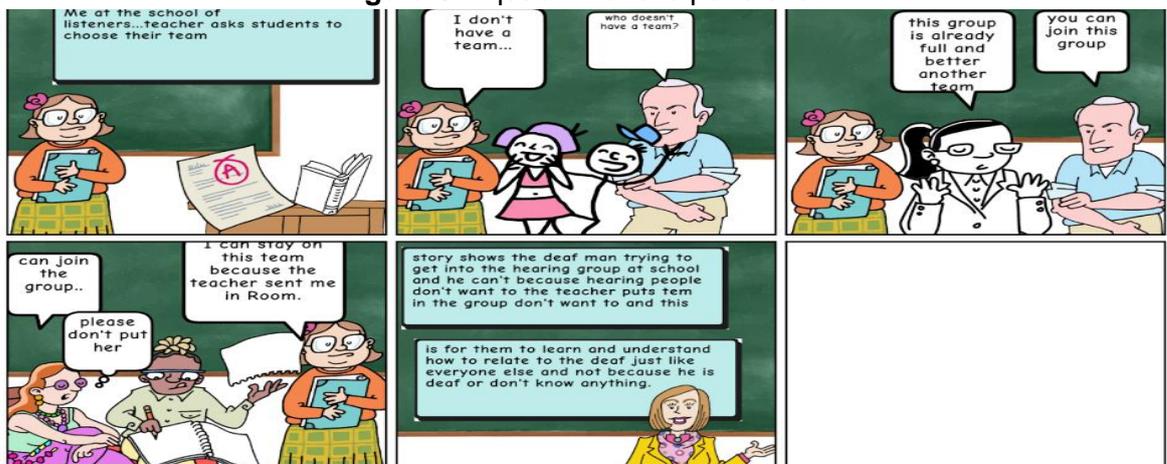
### Building the way

educação de Surdos devemos refletir sobre as formas diferenciadas que os alunos Surdos aprendem, e assim se faz necessário utilizar diferentes metodologias de ensino que atendam às particularidades do aluno.

Inserido no escopo das metodologias, temos a Pedagogia Surda, em que a pesquisadora Vilhalva (2002, p. 1) explica que “a Pedagogia Surda tem um sistema educativo próprio, abrangendo sem limite de lugar, podendo ser contempladas através das histórias em Libras e passadas pelos Surdos sinalizadores mais velhos”. Diante disso, a pedagogia Surda valoriza o contexto sociocultural do Surdo e, dentre elas, a cultura visual. A pedagogia Surda defende a presença do professor Surdo na instituição de ensino.

Pensando nessas questões, trazemos na figura 1 uma atividade feita por um aluno em que é possível ver como ele se sente em sala de aula, com colegas e professores ouvintes.

**Figura 01:** quadrinho feito por aluna.<sup>4</sup>



This comic was created at [www.MakeBeliefsComix.com](http://www.MakeBeliefsComix.com). Go there and make one now!

**Fonte:** arquivo pessoal das autoras

<sup>4</sup> Tradução adaptada da escrita da aluna surda nas aulas do curso de extensão: quadrinho 1: Eu na escola de ouvintes... professora pede para os alunos escolherem seu grupo. Quadrinho 2: Eu não tenho um grupo.... Quem não tem grupo? Quadrinho 3: Esse grupo já está cheio, é melhor outro grupo. Você pode entrar neste grupo. Quadrinho 4: . Eu posso ficar nesse grupo porque o professor me mandou. Pode entrar no grupo; por favor não coloque ela. Quadrinho 5: A história mostra o surdo tentando entrar no grupo de ouvintes na escola, mas ele não pode entrar porque os ouvintes não querem, então o professor o insere e tem grupo que não aceita. A história é para eles aprenderem e entenderem como se relacionar com o surdo da mesma forma que se relacionam com os ouvintes. Não é porque ele é surdo que não sabe de nada.

### **Building the way**

No primeiro momento da aula, os alunos tiveram acesso ao quadrinho “That Deaf Guy<sup>5</sup>”, criado pelo surdo Matt Daigle, no qual conta, em sua experiência de uma família bilíngue com o uso da língua de sinais americana (ASL) e inglês, os preconceitos e as barreiras enfrentadas no dia a dia.

No segundo momento houve uma breve explicação sobre o quadrinho, como utilizar, e se os alunos conheciam, quais eram os seus personagens favoritos e falar um pouco sobre as expressões dos personagens, tipos de balões, entre outros. Depois disso, os alunos realizaram a atividade conforme a figura 01, contando a sua história com uso da língua inglesa sobre como é ser surdo e quais os problemas mais enfrentados no dia a dia. Assim, a aluna relata por meio do quadrinho feito por ela que, quando estudava em uma escola, o professor pediu que a turma se dividisse em grupos, porém ninguém aceitava a aluna Surda por ser deficiente, por isso ela se sentia excluída.

Os alunos do curso de extensão demonstraram a familiaridade com o vocabulário proposto e se sentiram à vontade em explorar o *site*. Em seguida, postaram os quadrinhos do grupo no *WhatsApp* para que todos pudessem compartilhar sua experiência sobre os desafios que enfrentaram a fim de discutir sobre a importância da acessibilidade em todos os lugares. Os participantes gostaram muito e se sentiram motivados a criar os quadrinhos contando a sua experiência, ou seja, de outra pessoa, usando a escrita na língua inglesa. Dessa forma, consideramos que usar os quadrinhos como forma de se expressar na língua inglesa foi algo muito válido, os alunos puderam, a exemplo do excerto em questão, refletir e discutir sobre suas experiências, o que enriqueceu bastante o processo de ensinar e aprender a língua inglesa.

Alguns jogos *online* foram utilizados nas aulas, para tanto, selecionamos as plataformas virtuais *Kahoot* e o *wordwall*, que poderiam ser utilizadas pelo computador ou celular. O jogo é um recurso que contribui para o desenvolvimento intelectual da aprendizagem dos alunos. Além disso, possibilita criar as perguntas que podem ser respondidas pelos discentes, e permite colocar imagens/vídeos de acordo com as perguntas.

---

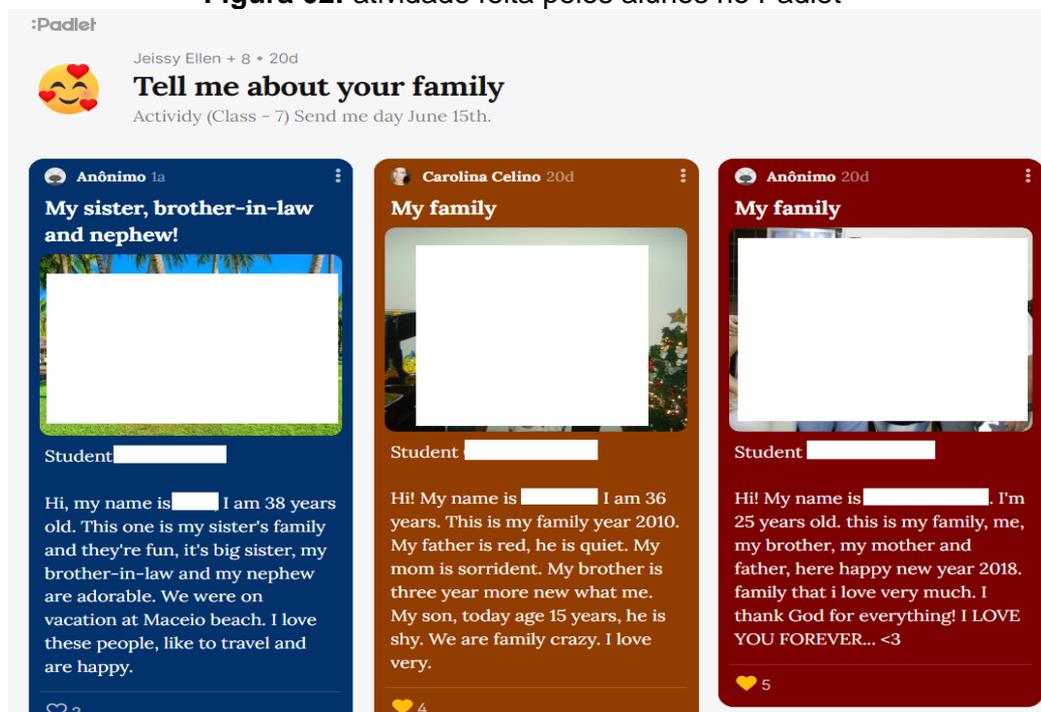
<sup>5</sup>5. Disponível em: <https://thatdeafguy.com/>

## Building the way

Campello (2008) sugere a prática de uma pedagogia visual que tenha estratégia, didática, contação de história ou estória, jogos educativos, recursos visuais, dentre outras ferramentas, de modo a utilizar o campo visual das pessoas surdas. Nesse sentido, Lacerda, Santos e Caetano (2014, p. 186) afirmam que é necessário “pensar em uma Pedagogia que atenda às necessidades dos alunos surdos que se encontram imersos no mundo visual e apreendem, a partir dele, a maior parte das informações para a construção do seu conhecimento”. Desse modo, o uso de metodologias diferenciadas é uma forma também de proporcionar que o aluno tenha interesse nas aulas.

Assim, utilizamos a plataforma *Padlet*, um aplicativo disponível na *Web*, sendo um tipo de mural em que os usuários podem postar palavras, fotos e vídeos, sendo de fácil acesso e disponibilização apenas com o *link*; nela é possível dar curtidas, comentar e até mesmo inserir uma nota nas postagens. Veja, na figura 2, a atividade realizada pelos alunos utilizando o *Padlet* na qual escreveram em inglês sobre suas famílias e inseriram fotos.

**Figura 02:** atividade feita pelos alunos no Padlet<sup>6</sup>



<sup>6</sup> Tradução: Olá, meu nome é ....., tenho 38 anos. Esta é a família da minha irmã e eles são divertidos, é a irmã mais velha, meu cunhado e meu sobrinho são adoráveis. Estávamos de férias na praia de Maceió. Eu amo essas pessoas, gostam de viajar e são felizes.

**Fonte:** arquivo pessoal das autoras

No primeiro momento na aula, trabalhamos o conteúdo sobre família, a saber: *Family words, adjectives, Tell me about your family*. Após termos praticado os vocabulários de família e com as frases, incluindo os adjetivos em inglês, passamos para a realização da atividade solicitada aos alunos, na qual deveriam comentar sobre a sua família em inglês e postar uma foto. Para realizar esta atividade, os alunos não apresentaram nenhuma dificuldade na escrita, pois tiveram a orientação da professora e o apoio da tecnologia, por meio do dicionário *online*, que também contribuiu no processo de aprendizagem.

No encerramento do curso, os alunos responderam a um formulário *online* com perguntas sobre o curso, que teve como objetivo refletir sobre os pontos negativos e positivos das metodologias utilizadas durante as aulas. A partir da análise qualitativa dos depoimentos dos participantes, foram identificados os desafios e as possibilidades para o aperfeiçoamento das práticas de ensino na língua inglesa para Surdos.

Dessa forma, um dos questionamentos foi como os alunos avaliam as aulas durante o curso. Vale destacar alguns depoimentos a seguir:

**Participante 1:** *“Aula bem didática e nos desenvolvemos a cada dia, conseguimos aprender muito bem. Aula é muito clara e bastante prática”.*

**Participante 3:** *“Gostei das aulas em que a professora ensinou, a metodologia foi um início muito bom depois já aumentou o vocabulário”.*

**Participante 5:** *“Está perfeito, como online. Presencial tenho certeza que será muito mais do que perfeito”.*

**Participante 7:** *“Excelente! Gostei muito do curso de inglês básico, gostaria de aprender mais no próximo curso de inglês intermediário com a mesma turma para dar continuidade de aprender mais”*

**Participante 8:** *“Não é que gostei, mas AMEI!!!”*

**Participante 9:** *“Eu amo estou aprendeu muito as coisas!”*

---

Oi! Meu nome é ..... Eu tenho 36 anos. Este é o ano de 2010 da minha família. Meu pai está vermelho, ele é quieto. Minha mãe está triste. Meu irmão é três anos mais novo do que eu. Meu filho, hoje com 15 anos, ele é tímido. Somos loucos por família. amo muito.

Oi! Meu nome é ..... Tenho 25 anos. essa é minha família, eu, meu irmão, minha mãe e meu pai, aqui feliz ano novo 2018. família que amo muito. Agradeço a Deus por tudo! TE AMO PARA SEMPRE... <3

A partir dos depoimentos dos estudantes percebemos que as metodologias utilizadas no decorrer das aulas proporcionaram aos alunos uma melhor compreensão ao conteúdo, bem como os alunos se sentiram motivados, ou seja, despertam o querer aprender a partir de recursos e estratégias diferenciadas. No entanto, nem todos os alunos são totalmente adeptos ao modelo *online*, assim como um dos entrevistados, o participante 5, relata a preferência por aula presencial.

Xavier (2014) e Santos e Sobrinho (2015) argumentam que os multiletramentos envolvem diversas formas de leitura e escrita, assim como visual, gestual, espacial e entre outros, o uso da tecnologia permite acessar *sites*, conversas pela *internet*, *e-mail* e *prints*. Nesse sentido, podemos afirmar que os alunos tiveram acréscimos significativos em sua formação crítica, o processo de ensino e de aprendizagem se tornou mais dinâmico e envolvente, ao concluir o curso com conhecimento mais agregado e que possibilita o ensino de qualidade.

Na prática pedagógica se faz necessário utilizar estratégias, tais como: escolher o conteúdo de maneira contextualizada na realidade social, verificar os conhecimentos prévios dos alunos, produzir as atividades para serem utilizadas em sala de aula, proporcionar a reflexão e a criticidade, corrigir, avaliar e orientar.

Indagamos os alunos sobre quais atividades foram difíceis, e quais gostaram de fazer. Abaixo apresentamos algumas respostas:

**Participante 1:** *“Amei de participar de falar diálogo com Amoriana, deveria oferecer mais essas atividades. É muito divertido de traduzir as conversas, pois consigo entender as frases”. “Atividade difícil, acho que foi nenhum. Pq todos consegui aprender tranquila sem nenhuma dificuldade”.*

**Participante 3:** *“Por mim, não é muito difícil fazer as atividades. Pois desde o início das aulas a professora ensinou básico, a aula já ajudou os alunos surdos memorizam depois comecei a fazer as atividades. Se fosse atividades profundas, claro que sim muito difícil”.*

**Participante 5:** *“Tendo aula em Libras para surdos, não fica difícil. Fico mais animada, disposta a aprender. sim gosto de tudo. é bom pode me desafiar de aprender é difícil e praticar”.*

Podemos afirmar que o ensino de uma língua realizada por um professor Surdo propicia um maior desenvolvimento na aprendizagem dos alunos, pois o

### Building the way

professor conhece a Libras e faz parte da cultura Surda e apresenta identidade Surda. Assim, respeita além de compreender a forma com que o Surdo aprende.

Na sala de aula em que os Surdos estão inseridos os conteúdos são interpretados e traduzidos do português para Libras e vice-versa, dessa forma os conteúdos passam do professor regente ao intérprete, e depois para o aluno Surdo. Assim, os conteúdos devem ser ensinados utilizando a Libras como instrução, de forma a respeitar os direitos dos Surdos de aprender e receber conhecimentos em sua própria língua (Moura, Freire e Félix, 2017).

Em relação ao motivo para aprender a língua inglesa, alguns alunos responderam: realizar viagem para outros países, fazer amizades, ser professor, produzir resumos científicos, realizar leitura de legendas em inglês, ampliar o conhecimento, auxiliar na comunicação com estrangeiros.

No questionário também indagamos sobre quais são as dificuldades que uma pessoa Surda encontra para aprender uma terceira língua (como a língua inglesa). A seguir, as respostas dos entrevistados:

**Participante 1:** *“Sem saber o português, talvez teremos dificuldade de entender inglês usando somente Libras. Mas se a pessoa surda sabe o português e a Libras, ela pode conseguir aprender outras línguas, sim. Então, o Inglês é fácil de aprender pois gramática bem leve e curta, ao contrário do Português com a sua extensa gramática. não é difícil, pode mais aprender é capaz”.*

**Participante 6:** *“ eu estudei na escola no ensino médio tem disciplina língua inglesa não foi mais claramente, foi muito confuso, professor de inglês não tem detalhes dar entender como gramática de inglês, copieie tudo e nem entendi”.*

**Participante 7:** *“Tive dificuldade encontrar outra uma terceira língua em inglês é momento aqui não tem acessibilidade a pessoa surda querendo aprender a língua inglesa”.*

De acordo com a entrevista dos participantes, percebemos a dificuldade em encontrar professor que tenha conhecimento na língua de sinais e na língua inglesa. Com isso, o professor deve refletir em sua prática pedagógica buscando domínio nas línguas e, assim, contribuindo de fato na aprendizagem dos alunos, e promovendo um ensino de qualidade. Este ensino de qualidade pode ser ministrado por um professor surdo, ou ouvinte que tenha o conhecimento da singularidade linguística do Surdo.

### Building the way

Como sugestões para melhorar as aulas seguintes os alunos responderam:

**Participante 1:** *“Adorei aprender com você, não é qualquer pessoa que consegue ensinar inglês. Seu método foi maravilhoso, que continue assim e vai ser melhor professora desse jeito, claro, vai continuar evoluindo. Deixo aqui a minha gratidão. Entrei sabendo pouco inglês e saí com mais conhecimento rico. Muito obrigada pelos conteúdos e pelas aulas divertidas. Espero encontrar nas futuras aulas”..*

**Participante 5:** *“Muito prazer! Fico feliz por conseguir ser inscrita para esse curso. Nunca tivemos um curso de Inglês escrito, esse é o primeiro. Sinto privilegiada. Gostaria que tivesse continuação. Gostei muito da metodologia da Jeissy”.*

**Participante 8:** *“Esse curso foi super interessante. Amei. Gostaria de fazer outro curso. Vc é uma ótima professora”.*

Na metodologia da Pedagogia Surda busca-se o aprendizado de alunos surdos por professores surdos. É o método preferido pelos alunos surdos, pois se baseia numa troca de cultura e experiências vivenciadas por pessoas que tiveram e têm as mesmas dificuldades. Esta metodologia também esbarra em muitas restrições, pois com o advento da inclusão, os professores surdos também encontram barreiras de comunicação em salas com alunos e professores ouvintes.

Por fim, consideramos que o curso de língua inglesa para surdos foi muito significativo, pois aprendemos sobre ser professor, compreendemos que é possível uma pessoa Surda aprender a língua inglesa nas modalidades da escrita e de leitura.

### **Considerações finais**

Neste artigo, buscamos investigar a experiência de ensinar a língua inglesa para alunos Surdos em contexto *on-line* em um curso no Centro de Idiomas. Assim, refletimos sobre a importância do uso e busca de novas metodologias de ensino, seja no ambiente *online* ou presencial, a fim de respeitar o modo com que os Surdos aprendem, conhecendo a sua cultura, identidade e língua. Podemos defender, por meio das análises que, quando de fato acontece a inclusão, os estudantes aprendem e se sentem motivados e entusiasmados no decorrer das aulas.

### Building the way

As análises nos permitem afirmar que, quando o professor é Surdo, os estudantes se identificam em sua cultura e língua, assim permitindo a interação e uma comunicação direta. O professor não sendo Surdo, precisa ser experiente em Libras para que a aprendizagem ocorra de forma eficiente, o que pode ser percebido a partir das pesquisas de Oliveira-Silva (2017) assim como em Figueiredo e Oliveira-Silva (2016). As duas pesquisas afirmam e defendem que, se não há essa proficiência, o processo de construção de conhecimentos será prejudicado.

No entanto, na educação há poucos docentes surdos formados em Letras português e inglês. Cabe então o questionamento: o que poderia ser feito para que o aluno Surdo não seja prejudicado? Uma possibilidade seria os professores ouvintes de ensino da língua inglesa para Surdos buscarem formações continuadas e metodologias diferenciadas para esse público, para que de fato aconteça um ensino de qualidade e equidade. Quando o professor é ouvinte, mas não domina a Libras, é preciso a atuação do intérprete de Libras, e se faz necessário também o conhecimento na área a ser interpretada para que a interpretação e a tradução sejam realizadas com qualidade.

Com este trabalho, esperamos promover reflexões sobre o ensino da língua inglesa para pessoas Surdas, destacando a necessidade de adaptar ou modificar as metodologias atuais. É essencial considerar que, em uma mesma sala de aula, há pessoas com diferentes formas de aprendizado, que, embora aprendam de maneiras distintas, estão presentes e ávidas por conhecimento.

### REFERÊNCIAS

ALVES, J. F.; GOMES, J. S. Educação de pessoas surdas em tempos de pandemia: linguagem e relações de poder. **Revista Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 325-338, 2020.

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005 - Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico**, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&ind=4643&cat=-1,-2,-3,128>. Acesso em: 19 jan. 2024.

### Building the way

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em 02 fev. 2024.

CAMPELLO, A. R. S. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91182>. Acesso em: 15 de janeiro de 2024.

CAPELATO, R. **SEMESP: Instituições de ensino adotam aulas remotas síncronas durante a quarentena**. São Paulo, Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/instituicoes/2020/04/02/instituicoes-de-ensino-adotam-aulas-remotas-sincronas-durante-a-quarentena/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2024.

CASTRO JÚNIOR, G. Cultura surda e identidade: estratégias de empoderamento na constituição do sujeito Surdo. In: ALMEIDA, W. G.(Org.). **Educação de surdo: formação, estratégias e prática docente**. Ilhéus: Editus, 2015. p. 11-26.

CERVO, A L; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

COURA, F A. **Inglês na palma da mão: letramento crítico e ensino de inglês para alunos surdos**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. 2016. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MGSS-A8KN6U/1/disserta\\_o\\_felipe\\_coura\\_revisada\\_andr\\_a.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MGSS-A8KN6U/1/disserta_o_felipe_coura_revisada_andr_a.pdf). Acesso em 15 de dezembro de 2024.

DUBOC, A. P. M.; FERRAZ, D. M. Letramentos críticos e formação de professores de inglês: currículos e perspectivas em expansão. *Revista X*, v. 1, p. 19-32, 2011.

FERMIANO, M. M. C. **O olhar dos licenciandos sobre a disciplina de libras nos cursos de licenciatura**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Faculdade de psicologia da Universidade Federal de São Carlos. 2019.

FERNANDES, S. Avaliação em língua portuguesa para alunos surdos: algumas considerações. In: PARANÁ. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Grupos de estudos por área**. Curitiba, agosto de 2007. p. 1-21.

FIGUEIREDO, F. J. Q.; OLIVEIRA-SILVA, C. M. Uma análise da eficácia das estratégias de ensino utilizadas por uma professora ministrando aulas de inglês instrumental para alunos surdos em uma sala de aula inclusiva na universidade. In: FIGUEIREDO, F. J. Q.; SIMÕES, D. M. P. (Org.). **Linguística Aplicada, prática de ensino e aprendizagem de línguas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. p. 235 - 282.

### Building the way

LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F. dos; CAETANO, J. F. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. In: LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F. dos (Org.). **Tenho um aluno surdo, e agora?:** Introdução à LIBRAS e educação de surdos. São Carlos: EdUFGSCar, 2014. p.185 – 200.

LOPES, G. K. F. SIMPLÍCIO, A. K. **Língua Brasileira de Sinais - Libras.** 1ª. ed. Sobral. 2017.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar:** o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MANTOAN, M. T. E; PRIETO, R. G. **Inclusão escolar:** pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica.** 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 269-289.

MATTOS, A. M. A.; VALÉRIO, K. M. Letramento crítico e ensino comunicativo: lacunas e interseções. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 10, n. 1, p. 135- 158, 2010.

MEDEIROS, A. F. C. **Conceitos fundamentais para Educação a Distância.** João Pessoa, Editora da UFPB, 2015.

MIRAI, S. **Produção de história em quadrinhos (HQs) no computador como estratégia de ensino da língua portuguesa para alunos surdos.** Artigo para o Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), da Secretaria Estadual de Educação do Paraná (SEED), Londrina, Paraná, 2009.

MOURA, A. A. de; FREIRE, E. L; FELIX, N. M. Escolas bilíngues para surdos no Brasil: uma luta a ser conquistada. **Revista online de Política e Gestão Educacional**, v.21, n. esp.2, p. 1283-1295, nov. 2017.

OLIVEIRA-SILVA, C. M. **A aprendizagem colaborativa de inglês instrumental por alunos surdos:** um estudo com alunos do curso de Letras: Libras da UFG. 2017. 262 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** (Proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris por meio da Resolução 217 A (III). 1948.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração de Salamanca sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais.** (*Procedimentos-Padrões das Nações Unidas para a Equalização de Oportunidades para Pessoas Portadoras de Deficiências*, A/RES/48/96, Resolução das Nações Unidas adotada em Assembleia Geral). 1994.

PERLIN, G. T.T. **Alternativas metodológicas para o aluno surdo**. 1. ed. Elaboração de conteúdo. Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, Pró-Reitoria de Graduação, Centro de Educação, Curso de Graduação a Distância em Educação Especial, 2005.

PINTO, F. M.; SILVA, D. **Reflexões sobre o ensino de língua inglesa para estudantes surdos brasileiros**. *Ideação*, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 126–145, 2017. DOI: 10.48075/ri.v18i1.17235.

QUADROS, R. M. de. Políticas Linguísticas e Educação de Surdos em Santa Catarina: espaço de negociações. **Cadernos Cedes**, v. 26, n. 69: 141-161. 2006.

QUADROS, R. M. de. SCHMIEDT, L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.

SANTOS, G. dos. O ensino de Língua Portuguesa na modalidade escrita para o aluno surdo. In: **Revista Diálogos** (RevDia). Dossiê “Como as diversas teorias e concepções de linguagens concebem a questão do sentido”. v. 4, n. 2, 2016.

SANTOS, L. I. S. SOBRINHO, G. R. Leitura, escrita e escola: ponderações de um grupo de docentes de língua portuguesa. In: SANTOS, L. I. S. SOBRINHO, G. R. **Multiletramentos**: articulações para/no ensino da leitura e da escrita (orgs). Cáceres, Ed. Unemat, 2015, 322 p.

SOARES, M. 27 **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

TAVARES, K. C. A; OLIVEIRA, A. P. P. De. Libras no ensino de inglês mediado pelas novas tecnologias: desafios e possibilidades. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 14, p. 1045-1072, 2014.

VILHALVA, S. (org). **A pedagogia surda**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2002.

XAVIER, P. **A ostra se abriu**: percepções de alunos surdos sobre seu processo de aprendizagem de língua inglesa em um curso a distância. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Cuiabá, 134 f. 2014.

WITKOSKI, S. A. **Educação dos surdos pelos próprios surdos**: uma questão de direitos. Curitiba, PR: CRV, 2012.